

O VERÃO NA ESTUFA

P a n

DUILIO GOMES

2º ano da Faculdade de Direito da UFMG.

Todo dia era isso. Chegava às sete horas da manhã e iniciava o trabalho. Às vezes o chão estava tão cheio de fôlhas que êle sentia um desânimo mortal, a espinha doendo sòzinha ao pensamento de ter de se abaixar para fincar o espêto nas fôlhas e jogá-las dentro do carrinho. O doutor Fernando fazia questão do serviço limpo. Vez por outra chegava na janela do escritório, o olhar focado sôbre êle, perscrutador.

Quando ficava muito cansado de apanhar fôlhas sentava-se em algum banco de pedra que havia debaixo das árvores e descansava um pouco. Era nesse momento que tirava o cigarro e fumava olhando as fôlhas dentro do carrinho e as que teria de apanhar, na sua frente o palacete branco do doutor Fernando um luminoso bloco barrôco de janelas talhadas em pedra-sabão e portal também de pedra-sabão fechado para a sua tímida insignificância. Sentia-se pequeno e deprimido quando olhava para aquela casa. Dentro do jardim e sentado em seu banco de pedra êle se anulava, uma contrafação de homem, um grão dentro daquele mundo que nunca seria o seu mundo e que se fechava para êle com a hostilidade das coisas muito perfeitas, inalcançáveis.

Catar fôlha sêca em jardim de gente rica é o tipo do trabalho que vai me deixar batendo biela, falou êle pra José

no dia que soube que o serviço na casa do doutor Fernando era seu. José era seu irmão e não precisava catar fôlha sêca para viver. Trabalhava na rodoviária, vendia passagens. Mas José falou que não, que o doutor Fernando era chapa, sabe? você vai gostar. A mãe falou, vai meu filho, você acostuma. Aceitou mais por causa da mãe e do irmão do que mesmo pelo dinheiro. Dinheiro pelo menos êle trazia pra casa de vez em quando, engraxando sapatos. Ê, mas com vinte anos já não estava mais na idade de ficar engraxando sapatos na rua igual pivete. Aceitou o emprêgo e pronto. Agora, depois de uma semana catando fôlhas sêcas é que êle via o quanto era chato aquê tipo de serviço, melhor ter ficado na avenida engraxando sapatos, agüentando as chacotas dos companheiros mais novos — bambu engraxado!

Levantou-se e continuou a catar as fôlhas, o estilete descendo na vertical ou inclinado, pescando. Levantou de repente os olhos para a janela do casarão, pensando ter visto lá o doutor Fernando. Apenas o vento mexendo com a cortina. O estilete errou o alvo e se enterrou na grama limpa. Deixou lá um buraquinho. Novamente a sensação de que o espionavam por trás das cortinas. Doutor Fernando não podia ser, se quisesse falar alguma coisa com êle falava de uma vez, dava o berro, não ia ficar escondido atrás da cortina igual doido, fazendo o quê? Só se fôsse pra pegar algum descuido seu, ver se estava matando serviço. Mas se fôsse por isso estava perdendo o tempo, não ia lhe dar êsse prazer. Verdade é que gostaria de largar aquilo tudo e sair batendo o portão com tanta fôrça e raiva que chamasse a atenção de todo mundo dentro do palacete, não ia ficar se sujeitando a vida inteira que nem burro de carga, agüentando serviço insôssu. Serviço bom era engraxar sapatos, pelo menos conversava com alguêm, contava e ouvia piadas, via as mulheres passando, os carros, as meninas que iam e voltavam do colégio, vivia enfim. Espantou com um gesto sêco aquêles pensamentos, azar. De repente começou a achar idiota aquêle pedaço de pau, pra quê êsse penduricalho?, melhor ir catando com as mãos, o trabalho renderia mais, puro esnobismo do doutor obrigá-lo a segurar aquilo. Só não jogou fora

o estilete porque a cortina do escritório tornou a se mexer e êle ficou com mêdo do doutor Fernando aparecer de repente surpreendendo-o na postura errada, uma bronca na certa. Aceitou o bastãozinho como quem se obriga a aceitar uma pessoa chata apenas por espírito de caridade ou auto-flagelação. Se fôsse perguntar ao doutor Fernando se poderia deixar de lado aquela coisa êle na certa lhe explicaria com ar condescendente e didático que não, que era indispensável, fazia parte do ritual, complementava. Porque às vêzes chegavam visitas ou os amigos do doutor Fernando e êles sempre paravam um momento para vê-lo trabalhar. E não seria bonito para um empregado do doutor Fernando trabalhar sem o instrumento adequado, risível um apanhador de fôlhas catando suas fôlhas com as mãos. O jeito era largar de pensar tanta coisa, deixar que os braços se movessem mecânicamente. O único jeito.

Às onze horas o estômago roncava e o corpo pedia bancos de pedra, sombras, camas macias, comida. Almoçava na cozinha da casa e lá pelo meio-dia, meio-dia e meio recomeçava. Às cinco horas já tinha andado em tôda a extensão do jardim e apanhado tôdas as fôlhas. Voltava prá casa com o corpo tão cansado que nem sentia os pés batendo no chão, como se voasse. Nem jantava direito de tão pregado. A mãe sempre perguntando como ia o serviço, se estava gostando. José também se interessava, não falei que você ia gostar? Um sorriso cansado para os dois, — estou gostando sim.

As árvores. Perto de cada banco de pedra havia uma árvore e porque o doutor Fernando tinha tantas plantadas em seu jardim êle não compreendia e não sabia explicar. Só sabia que as árvores tinham fôlhas e que as fôlhas caíam à noite. E que de manhã êle teria de catá-las tôdas, uma por uma. Raiva nascendo dentro de seu peito, uma vontade de pôr fogo nos troncos ou jogar veneno nas raízes, um modo qualquer de acabar com todo aquêlê sacrificio diário, aquêlê tormento, tudo isso passando por sua cabeça, inclusive soluções infantis como a de rancar as árvores e colocar nos seus lugares outras de matéria plástica, deitar-se, depois, sob elas, ter sonhos metálicos.

Na cozinha era Leocádia quem lhe passava o prato. Sentava-se perto do fogão e ela vinha, balançando o corpo:

— Como é, catou muito hoje?

— Mais ou menos. Choveu ontem, as fôlhas tão molhadas. Fica difícil catar.

— É. Cê viu que chuva brava? Foi até bom, um calor dêsses...

— Com o chão molhado elas pregam nêle. Sai de jeito nenhum.

— Ocê gosta mesmo dêsse emprêgo, meu filho?

Pigarreava, mentia:

— Gosto sim.

— E não chateia a espinha não?

— Dá uma quebradura, né.

Leocádia balançava a cabeça, andava pela cozinha:

— Pois se eu fôsse homem não ia ficar catando fôlha não, Deus me perdôe. Saía pro mundo, ia catar troço de andar empinado, serviço de gente.

O mesmo que dizer pra êle que aquilo era serviço de animal. Sabia que Leocádia não dizia por maldade, pra ferir. Apenas falava o que pensava. Serviço de bicho, isso mesmo. Igual êsses passarinhos que voam pro chão e cavucam a terra com o bico, igual escravo de antigamente, o dia inteiro curvado em cima de plantação de milho ou aquêles camaradas que êle viu o retrato no livro de história e que carregavam pedras pra fazer pirâmides, espinha e ossos aparecendo no ralo da carne.

Tanto verão em suas costas avermelhava a pele até o tom rosado escuro, quase prêto. A camisa pregava no corpo incomodado. Largou o estilete e sentou-se no banco. O cigarro acêso na bôca começou a analisar mais uma vez o casarão na sua frente. Imaginava o interior da casa com cortinas e tapêtes macios, veludos, algum som de piano fazendo rêde de som para os ouvidos descansados de quem nunca sentiu o que é catar fôlha no chão, gente bem-nascida, bem-amada, bem-vivida. Gente que de noite saía de carro pra teatro e restaurante e voltava meio empilecada, rindo muito. Tudo isso côr de rosa

lá dentro, ar refrigerado pra tirar calor de corpo, geladeiras cheias de refrigerantes, revistas espalhadas pelos cantos pro passeio dos olhos e o conhecimento do mundo nas fotografias e reportagens sôbre o internacional.

Rilhou os dentes: burguesada. Doutor Fernando burguês no seu jeito de muita carne e charutos havana; burguês no modo de olhar de cima, como quem faz favor; burguês na maneira de andar, êsse jeito alcochoado de andar que sômente têm aquêles que se acostumaram no se locomover motorizados, sentados em napa. E a família do doutor Fernando? Também carregaria êsse ar burguês? Bem possível. Vontade de conhecer essa família, saber que cheiro e falas tinha.

— Ôi...

Voltou-se assustado na direção da voz. Uma voz de menina. Ela sentada no muro, lá de cima, a calça comprida e justa de veludo mostrando o contôrno suave de suas pernas, os cabelos prêtos descendo-lhe até os ombros, blusa de flôrzinha, o sorriso aberto.

Ficou sem palavras, apenas olhando a môça que balançava um livro na mão. Ela, ainda sentada, piscou os olhos, num trejeito:

— Catimbando o serviço, heim?

— Ê...

Limpou o suor do rosto, afastou-se um pouco dela para que ela não sentisse o seu cheiro de terra e sol. Passou a língua pelos lábios ressecados. A filha do doutor Fernando! Resolveu falar alguma coisa, fingir-se dono de si:

— Tá lendo êsse livro?

Fêz um muxôxo, mostrou-lhe a capa vermelha do livro:

— Um romance, "A Pele". Já leu?

— Não. Tenho tempo de ler não.

Ela riu como se ouvisse um disparate:

— Quer dizer que você não lê? Não lê mesmo? Nem revista em quadrinhos?

Enfiou as mãos nos bôlsos, chutou umas fôlhas:

— Só tenho quarto ano de Grupo, leio mal pacas...

Ela pulou de cima do muro com a contenção e a rapidez de uma gata nova:

— Pena. Nunca vai conhecer Curzio Malaparte.

— Conhecer quem?

— Malaparte. O cara que escreveu “A Pele”.

— Ah...

Sentou-se no carrinho de fôlhas, dobrou as pernas. Ele fez um gesto na sua direção:

— Ocê vai sujar a roupa, sai daí...

Ela sorriu e enfiou a mão por dentro da blusa, na altura dos seios. Tirou de lá um maço de cigarros:

— Suja não. Quer um cigarro?

Ele estava meio aturdido com tudo aquilo. Passou as mãos nervosamente nos cabelos molhados de suor:

— Não, obrigado.

Ela começou a fumar. Depois riu:

— Sabe, de vez em quando chego ali na janela, atrás da cortina, e fico olhando você trabalhar. Você não me vê. Fico vendo você catando essas fôlhas e empurrando êste carrinho — passou de leve os dedos manicurados sôbre as fôlhas, numa carícia. Continuou: — Deve ser duro ficar nesse serviço o dia inteiro, não é?

— Mais ou menos.

Um pequeno silêncio caiu sôbre os dois. Ele podia sentir o perfume que vinha do corpo dela, o apêlo indefinido que havia em seus grandes e inquietos olhos castanhos. Brincando, o vento levava as fôlhas para frente e para os lados e depois para trás e para os lados e novamente para frente e para os lados.

Ele fincou, de repente, o estilete no ar e espetou duas fôlhas que voavam, intumescidas de vento. Ela vibrou:

— Faz de nôvo!...

Ele repetiu o gesto mas não bisou o feito. Enquanto ela ria êle se desculpava, vermelho:

— Não, tenho muita pontaria não.

Ela parou de rir e respirou fundo, levantando-se do carrinho:

— Seu nome é Rafael, não é?

— É sim.

— O meu é Vanda. Posso te ajudar no trabalho?

Antes que êle respondesse, ela já tinha erguido o carrinho. Começou a empurrá-lo para frente, rindo. Êle seguiu-a, o estilete balançando na mão:

— Êi, tá doida? Larga isso aí.

Pensou: que menina mais perturbada. Ela começou a correr, ainda empurrando o carrinho, olhando para trás. Parecia estar se divertindo muito com aquilo:

— Se você me alcançar ganha um beijo.

Só foi alcançá-la perto da estufa. Ganhou um beijo no rosto. Encostado no vidro da estufa e com o coração batendo, êle ficou olhando ela se afastar, o livro na mão. Andava com naturalidade, como se não houvesse acontecido nada, como se ela apenas acabasse de cumprimentá-lo e saísse depois andando calmamente na direção do seu palacete, o livro na mão.

No dia seguinte ela tornou a aparecer. Devia ser três horas da tarde. Estava sentada exatamente no mesmo lugar no qual aparecera no dia anterior. Rafael se admirou de não haver reparado antes que ela estava ali:

— Não vi você trepando aí não.

Ela sorriu. Mascava chicletes:

— Você não vê nada. Só enxerga essas fôlhas.

Estava mesmo esperando que ela aparecesse a qualquer momento mas não exatamente naquele mesmo lugar. Ela tirou o maço de cigarros, ofereceu-lhe um. Êle aceitou. Começaram a fumar em silêncio. Um cheiro forte de fôlhas verdes enchia o jardim. Pássaros suados e ofegantes povoavam os galhos das árvores, mudos. Vanda, por fim, pulou do muro e sentou-se no carrinho:

— Me empurra.

Empurrou-a até à estufa. Lá dentro e encostada nos vasos de flôres ela se deixou beijar.

Durante uma semana ela apareceu ali, aquilo tudo se repetindo dentro da estufa. Suados e cobertos de pétalas que caíam

com os movimentos de seus corpos contra os vasos. Lá fora, esquecidos, o carrinho e o estilete. O chão coberto de fôlhas, êle já não tinha tempo para elas; seu tempo sòmente para Vanda, seu tempo e seu corpo, a fúria de seu corpo. Um dia choveu e êles ficaram a tarde inteira fechados na estufa, deitados um ao lado do outro. Ela falava de tudo e de todos, os olhos semicerrados. Rafael sentia no peito o seu quente hálito, alisava sua nuca e seus cabelos compridos. E ela falando de tudo e de todos com olhos semicerrados de vez em quando abrindo-os para olhá-lo no fundo dos olhos. O calor era um fio vibrando pendurado no teto. Escureceu e ainda chovia. Por uma grêta qualquer o vento entrava chiando macio, suas ôcas asas de veludo refrescando um pouco o interior da estufa. Quando Vanda quis ir embora êle prendeu-a contra si. A luz da lua atravessando os vidros vestia as flôres e o casal de branca e leve textura. Na manhã seguinte o doutor Fernando abriu a porta e começou a quebrar vasos e vidros enquanto dava murros nos dois. Leocádia apareceu correndo e perguntando o quê tá havendo, meu São Geraldo.